

GRUPO EDUCACIONAL FAVENI

DARCILÉIA SILVA MONTEIRO

O PROCESSO DE VERBALIZAÇÃO DA PESSOA SURDA

SOURE-PÁ

2019

GRUPO EDUCACIONAL FAVENI

DARCILÉIA SILVA MONTEIRO

O PROCESSO DE VERBALIZAÇÃO DA PESSOA SURDA

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título
especialista em PSICOPEDAGOGIA
CLÍNICA E ESTATUCIONAL.

Soure – PA

2019

O PROCESSO DE VERBALIZAÇÃO DA PESSOA SURDA

RESUMO: Educação de surdos sempre foi um tema que gerou discussões em todos os aspectos que a compõem, desde o seu início até os dias atuais. Neste contexto é preciso oportunizar a pessoa surda o acesso aos meios educacionais que lhe possibilitem uma boa eficiente interação com a sociedade, isso pode e deve ocorrer em grande parte através do processo de verbalização, o qual a pessoa surda desenvolve ao longo de sua trajetória através da língua de sinas (NO BRASIL – LIBRAS) e o seu acesso à escola é fundamental para o desenvolvimento do processo de verbalização interação/comunicação do surdo, quando incluso no processo educacional. Este processo se torna eficiente em parte, quando bem aplicado, caso contrário a pessoa surda não desenvolverá suas habilidades linguísticas, aspecto este tratado nesse trabalho, buscando ainda uma reflexão em torno dos elementos constituintes da educação inclusiva de nosso país, com o objetivo de se obter um novo olhar sobre as diferenças.

PALAVRAS – CHAVE: educação, processo, verbalização, pessoa surda.

1. INTRODUÇÃO

A educação no Brasil tem marcos de avanços e retrocessos em toda sua trajetória, envolvendo a luta de educadores e as políticas públicas são destinadas pelas condições sociais e econômicas da sociedade. Desse modo, apesar dos entraves que se tecem no cotidiano educacional, que vão desde a vontade política na concepção dessas propostas, aspectos geográficos, e o acesso à escola cidadã, percebemos um diferencial na forma de como os educadores enfrentam os desafios frente às condições da realidade educacional.

É nesse sentido, que se justifica a relevância desse estudo, por entender, que o processo de verbalização da pessoa surda se dá através da comunicação, por meio da linguagem, utilizando para esse fim a imagem, em que para ele, é mais que um recurso, é uma necessidade para seu desenvolvimento cognitivo, linguístico e socio educacional.

O trabalho é de cunho bibliográfico, com o propósito de analisar o processo de verbalização do aluno surdo, fundamentada nos estudos de, SOUSA e PEREIRA ano (2011); PIRES e CAMPUS; MOLLICA (2007) e BOTELHO (2010); MIKHAIL BAKHTIN (1959; 2003); PROCÓPIO E SOUSA (2010). Os autores citam a importância das práticas sócias do aluno.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 A Educação da Pessoa Surda

Muitas pessoas ouve falar de surdez como uma falta parcial ou total de se escutar os sons como podem analisa, segundo portal do (MEC na F. o ano pg. 19) em que define a surdez como perda maior ou menor da percepção normal dos sons, no entanto o que se precisa entender é que a falta destes sons dificulta o aprendizado de uma língua em que sua organização se dar por meio dos sons, como a língua portuguesa, por exemplo, ao contrário da aquisição da língua brasileira de sinais, pois o aluno surdo não terá nenhum problema linguístico para desenvolvê-la. Pensando assim, o professor precisa estar preparado para atender essas necessidades, utilizando a língua de sinais para o ensino do aluno surdo à aquisição da escrita desta língua, cabe ressaltamos que diante desse processo o professor é o mediador e orientador para que o aluno adquira essa escrita.

Segundo Furtado (2004) a educação se dá a partir dos princípios do aluno, onde corresponda suas necessidades, tornando-os em sujeitos críticos e participativos, dando-lhe condições de lutar pelos seus direitos. Que com concomitantemente, neste mesmo processo. Os professores passam a estar preparados para trabalha as diferenças, e que juntamente com os pais possam contar com o apoio da sociedade onde todos estejam comprometidos nesse desafio educacional.

Este processo acontece quando o professor procura proporcionar condições para produção de texto apresentando várias situações que estão inseridos dentro de sua realidade, concretizando a diferença da escrita, que nem toda às vezes não ser escreve como se falar.

Acredito então, enquanto a sociedade tratar a surdez como “deficiente” haverá desvalorização e exclusão desses grupos de pessoas na sociedade, é preciso respeitar o próximo sem distinção de seu estado físico, e assim, contribuir para a construção do sujeito dotado de capacidades de expressar seus sentimentos, através da linguagem verbal, pois segundo Bakhtin (1959, p. 95), os enunciados são componentes linguísticos em contextos sociais e reais que participam de uma dinâmica em contexto, a fim de desenvolver um caminho que permita a construção de significação contextualizada onde poderá haver enunciados de sua experiência de vida.

O autor em seus conceitos afirma: “toda língua é uma construção de histórica e cultural em constante transformação”, que o professor poderá utilizar a cultura social do aluno surdo

para desenvolver atividades a que venha desempenhar competência de escrita, tendo como apoio a imagem não verbal, para essas atividades. Ao se tratar de práticas sociais de escrita, tratamos da diversidade de experiências sociais dos sentidos que a leitura e escrita traz para o sujeito, pois é no meio social que a sujeito se depara com muitas situações que precisa utilizá-las, Assim as práticas sociais de escrita se constitui de conhecimentos, que produz significados por meio do uso da libras.

A libras tornou-se obrigatório partir do decreto 5.626 de 2005, pois ela já deveria fazer parte do currículo escolar como disciplinas. Este decreto defende o direito de uma escola bilíngue, garantido o direito a inclusão dos alunos surdos. Esse decreto foi umas grandes conquistas por parte da comunidade surdas. Ele representa resultados da luta pelo reconhecimento da identidade de diferencias da pessoa com surdez.

No entanto esse processo é muito lento, ainda encontramos alunos surdos em classe regular, sem nenhum suporte, sofrendo com falta de formação de profissionais que o acompanha, pois os professores em sus grande maioria só aceita o aluno surdez, por causa do dinheiro amais em seu contracheque. Se pensarmos na comunidade escolar, piora a situação, pois as escolas não estão preparadas para receber os alunos. Muitas até tentam, mas por falta de material, de profissional, como interprete ou professor de libras e português, resulta no descaso governamental.

Vejamos o aque Alencar frisa sobre a educação de surdos e escolas bilíngue:

Portanto, para uma escola denominar-se bilíngue, é necessário que a língua de instrução para o aluno surdo seja a Libras, constituindo, assim, uma escola bilíngue. Já para a política de educação especial as escolas comuns tornam-se escolas bilíngues quando ocorre o ingresso de alunos surdos. A partir disso, a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa passam a fazer parte do cotidiano desses alunos surdos. O documento orienta também que os alunos surdos estejam com outros alunos surdos na classe comum, ou seja, os alunos surdos devem ter interação com outros alunos surdos, o que nem sempre acontece. Nos municípios que não contam com uma escola ou classe bilíngue, tal interação quase inexiste, por conta do pequeno número de alunos surdos em cada escola. O contato dos alunos surdos é basicamente com o intérprete educacional e com o professor surdo da Sala de Recursos Multifuncionais-SRM, no momento do AEE. (ALENCAR, 2016, p. 43)

Ainda se busca novas mudanças, onde a comunidade surda, escola e governo possam usurpar da mesma realidade educacional, sem preconceitos, com estrutura apropriadas ao desenvolvimento cognitivo, linguístico, oportunizando os surdos ao exercício de cidadania.

A língua de sinais é o caminho para aquisição de uma outra língua, mas o professor precisa estar atento aos conhecimentos adquiridos, pelo surdo em seu cotidiano, isso facilitará nos desenvolvimentos de materiais e técnicas a serem trabalhadas em sala de aula. Pois a criança surda precisa ser instigada a comunicação com outra pessoa, que também compartilha da mesma língua, isso o ajudará no domínio da mesma e na autoestima. Isso é uma das propostas da escola bilíngui, segundo Alencar:

O objetivo da educação bilíngue é o de que a criança surda tenha um desenvolvimento cognitivo-linguístico, como o verificado nas crianças ouvintes, e que possa ter acesso a duas línguas, à Língua de Sinais e à língua da comunidade majoritária. A filosofia bilíngue propõe também que a criança surda tenha contato com surdos adultos fluentes em Língua de Sinais para que estes lhe sirvam de modelo, ajudando-a a construir uma autoimagem positiva do ser surdo e fazendo com que se reconheça como participante de uma comunidade linguística, sem deixar de participar da comunidade ouvinte (ALENCAR, 2016 P.20)

A escola neste poste, garantirá os direitos tão sonhada pelas comunidades surdas de oferecer oportunidades igualitários, respeitando as diversidades, e que os mesmos possam sentir-se inclusos na sociedade.

2.2 Comunicação e Verbalização da Pessoa Surda.

O processo de verbalização interação/comunicação de surdos perpassa por uma série de elementos oriundos, desde do inícios da aquisição da língua pela criança durante seu amadurecimento, embaçando em práticas diárias dessa mesma criança, com o meio que a cerca, onde o processo pelo qual ela se insere na sua grande maioria, é marcada pelo excesso de informações oriundas da comunidade ouvinte, portanto é inevitável que as ações linguísticas de cada indivíduo surdo, siga uma linha quase que oralista, o que é demarcada pela sua fase de percepção linguística, é vivenciada pelas práticas comuns.

Para Vigotsky (1991, p.229-230) a criança quando inicia sua vida na escola, já leva consigo experiencias linguísticas, em que adquiriu durante sua convivência com o meio que a cerca de forma inconsciente, que no desenvolver de suas atividades do cotidiano ajudará no

processo do desenvolvimento linguístico, tendo como ponto de partida sua língua materna, neste caso o uso, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

Por isso faz-se necessário que os educadores se apropriem das libras, considerando sua estrutura de natureza linguística gesto-visual no processo de ensino da escrita da língua portuguesa, pois o uso da libras facilitará o aprendizado do aluno com surdez,

Arqueiro (2000, P. 28), frisa que é preciso utilizar a língua brasileira de sinais, para intervir na relação professor aluno. Tal mediação, é tão necessária para a promoção do desenvolvimento psicolinguístico-afetivo e social, como também na sua construção histórica, que fizeram ou fazem parte de sua vida.

Para Muller (2006, p. 6) o Português e a Libras são duas línguas, que permeiam o processo educacional do aluno surdo, onde por sua vez, as mesmas são garantidas por lei. É através do uso das libras que o aluno desenvolverá linguisticamente, adquirindo habilidades, na leitura e da escrita em Português desta forma, o quando o aprendizado dessas duas línguas se dá de forma consciente, se inicia o processo educativo.

Partindo desta concepção sabe-se que os surdos usuários de língua de sinais ao fazer uso do português escrito apresentam uma escrita fragmentada em seu vocabulário, Portanto para os surdos usuários desta língua, o processo de aquisição da escrita se dá por grande influência do canal visual, Por isso ressaltamos a grande importância de desenvolver estratégias que possam estimular a prática do português escrito através do uso das imagens, pois o uso desse recurso é considerado um forte aliado no trabalho com surdos, por estes necessitarem de apoio visual para a construção do significado, Assim, ambos os estímulos incentivam a produção de textos pelos surdos sinalizadores, despertando para uma possível discussão acerca do conteúdo exposto, Esboçando seus pensamentos e reescrevendo algo sobre seu entendimento, com pontos críticos ou não na sua produção.

O uso do português para a criança surda na escola é apresentado através da escrita. E sua cognição ao uso desta língua, sedará através de suas experiências e comunicação adquirida entre pessoas que compartilham a habilidades na escrita. MULLER (2006, p. 22)

Por esse motivo ressalto a utilização da palavra e da imagem, evidenciando situações reais do cotidiano do aluno, e que suas atividades recreativas estejam relacionadas ao contexto definido. Pois segundo (Procópio e Souza 2010 e orgs. pg. 9,10) Teóricos da área da educação

como “(Rigolin, 2002; Buratini 2004; Callow, 1999; Oliveira 2006; Procópio e Souza, 2007) passam a defender que o letramento visual deve fazer parte do programa de ensino, uma vez que não aprendemos a negociar o significado de uma imagem simplesmente pela exposição a ela. As capacidades a serem desenvolvidas requerem tanto tempo quanto ampla exposição, além de intervenções educacionais de vários tipos”.

2.3 Letramento visual

No mundo todos os elementos visuais têm sido explorados e utilizados como ferramentas de disseminação de informações, desde os primórdios da cultura humana, pois os primeiros traços de comunicação entre os homens foram às figuras que eram desenhadas na parede das cavernas para a transmissão de informações. E à medida que os anos iriam passando o homem foi evoluindo e aprimorando suas formas de comunicação consequentemente para suprir suas necessidades. (PROCÓPIO e SOUZA 2010, pg. 7).

Sabemos também que embora a informação veiculada visualmente não seja uma mera novidade em si, sua importância é de extrema necessidade, principalmente para o ensino do aluno surdo, por acreditar que pode ser uma ferramenta de estímulo para produção de textos escritos, por também saber que a escrita é uma forma hegemônica de transmissão de informação.

De acordo com as informações torno como importância a necessidade de capacitar os alunos surdos para a leitura dos elementos visuais. Nessa direção, a seção que segue particulariza a discussão sobre as pesquisas que tratam da relevância do letramento visual.

“A inversão do domínio da escrita para a imagem e a troca do domínio do livro para a tela estão produzindo uma revolução nos usos e efeitos do letramento.” (Procópio e Souza 2010, pg. 9). Devido às imagens se proliferarem por todos os meios de comunicação e sendo cada vez mais utilizada como ferramenta de transmissão de informação, seja ela usada para o entretenimento como para o ensino em sala de aulas.

Podemos observar também que estes alunos estão crescendo e convivendo num mundo carregado de mensagens visuais e muitas destas mensagens utilizam efeitos visuais especiais que despertar poderosamente nossas reações. Entretanto, observamos que principalmente os alunos surdos não recebem nenhum treinamento que favoreça o desenvolvimento de habilidades de análise ou avaliação de tais mensagens.

Segundo (Procópio e Souza 2010, pg.10) “O letramento visual pode ser definido como a habilidade de entender e produzir mensagens visuais”. Subentendido com um conjunto de habilidades que vai desde uma simples identificação o qual nomear tudo o que se vê alcançando uma interpretação mais complexa de níveis metafóricos, contextuais e filosóficos, pois, um aluno letrado visualmente está apto a compreender os elementos básicos presente no texto visual estando aptos a compreender os elementos básicos como o “design visual; as influências emocionais, as simbólicas; as representacionais”, entre outras.

Nesta concepção o autor afirma (Procópio e Souza 2010, pg.10) “o letramento visual é, portanto algo aprendido, assim como a leitura e a escrita, e o conhecimento dos possíveis caminhos dos efeitos de sentido gerados pela integração de linguagem-verbal e visual”. Em outras palavras, é necessário o desenvolvimento dos alunos na competência da produção quanto na interpretação das mensagens visuais.

Pois segundo Bakhtin (1997) “a palavra deve ter nascido e se desenvolver no curso do processo de socialização do indivíduo, para ser, em seguida, entregue ao organismo individual e tornar-se fala interior.” Diante desta concepção ressalto a importância das práticas sócias de leitura e escrita para o indivíduo surdo, pelo fato que através dessas práticas, os surdos poderão interagir no âmbito social, de forma a se posicionar em relação aos fatos.

Mediante esses aspectos, atualmente se entende que os recursos visuais não são mais subentendido apenas como uma ilustração de apoio ao texto escrito, mas como uma ferramenta de transmissor de conhecimento, e pelo fato do aluno surdo ser mais visual podemos mencionar que o mesmo ajudar desses recursos possa vir a contribuir para a construção de seu discurso.

O educador deve ter um cuidado com relação aos elementos visuais os quais serão utilizados, para que possa o aluno absorver e transmitir a ideia central do que se busca “todas as formas de expressar significado envolver a mudança de uma ideia em uma forma observável, portanto, indireta, e passível de ser mal interpretada”. (Procópio, Sousa. 2010) É preciso que essas imagens sejam selecionadas cuidadosamente, pois ela deve estar relacionada com algo familiar e relevante, que o aluno deve estar apto para falar dela. Caso ao contrário a interpretação fica comprometida caso a imagem não seja do mesmo universo cultural do leitor.

Referente a essas concepções devemos levar em relação, os aspectos culturais que estejam inseridos as ilustrações presentes no cotidiano do aluno para que não comprometa a

compreensão da imagem utilizada, pois os elementos visuais utilizados tanto na língua materna quanto no uso da segunda língua, só vem a facilitar a compreensão e a produção desses alunos.

3. CONCLUSÃO

Os aspectos aqui trabalhados nos levam a buscar uma nova forma de atender a pessoa surda, contextualizá-la e de fato inseri-la no meio social. É preciso esclarecer que neste cerne da educação de surdos é necessário que haja uma boa interação entre os setores que viabilizam a educação de nosso País, pois oportunizar ao surdo acesso igualitário na sociedade, e antes de tudo oferecer um meio social oportuno para seu convívio com as demais pessoas, principalmente as pessoas ouvintes que na maioria das vezes, são as ditadoras das regras as quais o surdo deve se submeter para construir sua história na sociedade.

É preciso ainda evidenciar que toda e qualquer pessoa surda traz consigo habilidades e competências únicas que ao serem exploradas, deixam brotar um universo riquíssimo de informações. Estas pessoas são capazes de transformar nosso modo de ver e entender a educação que nos cerca, haja visto que, possibilita uma nova realidade para quem convive diariamente com pessoas surdas. É expressamente cômodo afirmar, que o nosso meio social a comunicação é fundamental, por isso o processo de verbalização da pessoa surda deve orientar-nos para um novo campo de entendimento, de tudo que cerca a comunidade surda.

Tomamos a atenção de lembramos que o processo de verbalização da pessoa surda se dá através das condições já vivenciada, onde o educador leva em consideração a experiência de vida do educando, assim quando fazemos a utilização dos recursos visuais no ensino e aprendizagem de alunos surdos, oportunizamos o seu desenvolvimento cognitivo, pois é apontado por estudos sendo uma ferramenta de contribuição para a compreensão e produção de discurso, uma vez que o recurso visual torna compreensível o significado da palavra para o aluno surdo.

Repensar todos os elementos que possivelmente podem compor o universo surdo, evidenciar metodologias e também as novas ferramentas tecnológicas, são grandemente um suporte mais que viável, para grupar novos horizontes da educação de surdos, sem desvincular as várias fases que o indivíduo surdo enfrenta, para ocupar um espaço que dê prioridades aos menos favorecidos na sociedade a qual estão inseridos. Não basta apenas dizer ao surdo que existem caminhos a serem trilhados, é preciso que a pessoa surda direcione sua trajetória, seja assim protagonista de sua nova realidade educacional, religiosa, política e educacional trilhada por olhares críticos.

Pois, atualmente nossas vidas estão exportadas as práticas intermediadas por textos escritos, devido à escrita ser uma ferramenta que apresenta diversas de informação, que contribui tanto para o desempenho educacional, quanto social daqueles que fazem uso frequente da escrita, por que a escrita, atribui ao sujeito uma participação mais ativa na sociedade, o que contribui para a formação de leitores e construtores de textos socialmente críticos e criativos

Por sua vez faz-se necessário a reflexão sobre a necessidade de uma escola de qualidade para todos, na qual estejam contempladas as necessidades de alunos e professores para ver melhor integração das diversidades cultural, deixando de lado os estereótipo de uma visão ideológica que tentar máscara a verdadeira realidade, a qual faz acreditar que aja uma só maneira de educação; sem impor com as necessidades especiais de que alguns alunos precisam.

O rompimento destas barreiras possibilitará maior aceitação da diversidade sociocultural e um aumento significativo na autoestima dos alunos com necessidades educacionais especiais.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUEIRO/ Instituto Nacional de Educação de Surdos – vol.1(jan./jun.) Rio de Janeiro: INES, 2000.

BOTELHO, Paula, Linguagem e Letramento na Educação dos Surdos, Ideologias e Práticas Pedagógicas, Ed, Autêntica, Belo Horizonte 2010, p 63.

BAKHTIN, Mikhail, Filosofia da Linguagem, Ed, IV Trad. Paulo Bezerra, São Paulo, Martins Fontes, 2003.

Discurso e ensino: Reflexão Sobre o Verbal e o não verbal/ Tânia Conceição Clemente Souza, Rosane da Conceição Pereira (org.). Ed Garamond, Rio de Janeiro 2011.

VIGOTSKI, Lev Semenovich, 1896-1934. A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores/L.S, vigotski, organizadores Michel Cole...[et al]; tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira, Menna Barreto, Solange castro Afeche – 7ª ed – São Paulo: Martins Fontes, 2007 – (psicologia e pedagogia)

[PDF]A AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM/LIBRAS E O ALUNO SURDO: UM ESTUDO SOBRE AS FORMAS DE COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO NA ESCOLA E NA FAMÍLIA. <<http://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/MESTRADO-DOCTORADO-EDUCACAO/AUR%C3%89LIO%20DA%20SILVA%20ALENCAR.pdf>> acesso em junho 2019.

[PDF] 93 LETRAMENTO VISUAL NO ENSINO-APRENDIZAGEM... *revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/download/6241/459*

[PDF] IDÉIAS PARA ENSINAR PORTUGUÊS PARA ALUNOS SURDOS. <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port_surdos.pdf>

[PDF]Metodologia do Trabalho Científico - UFPB Virtual

Portal. Virtual. ufpb.br/biblioteca-virtual /files/pub_1291081139.pdf.

<http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/MARXISMO_E_FILOSOFIA_DA_LINGUAGEM.pdf>, Acessado no dia 17de junho de 2019 às 09h51min.

<<http://conceito.de/discurso> Acessado em 22 de Maio de 2019.